

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	Gm (Amazonas)
Data	8/10/2001 Pg
Class.	Baniwa 22

GAZETA MERCANTIL - Amazonas
 ANO III - Nº 757 - SEGUNDA-FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 2001

Arte Baniwa é exemplo de gestão


O projeto Arte Baniwa, desenvolvido no município amazonense de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), é um dos 20 finalistas do Programa Gestão Pública e Cidadania, uma iniciativa da Fundação Getúlio Vargas - através da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV/Eaesp) - e da Fundação Ford que conta com o apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES). Voltado à premiação e à disseminação de políticas públicas inovadoras de governos subnacionais e de organizações próprias dos povos indígenas, o Programa premia, há seis anos, cinco destaques na área.

No dia 23 de novembro, uma banca examinadora vai se reunir para indicar os cinco destaques. Estar entre os 20 finalistas, no entanto, já é uma prova do sucesso do projeto Arte Baniwa, que através do artesanato de arumã (planta da região) mostrou que o desenvolvimento sustentável pode ser uma realidade na região. Todos os semifinalistas (100) e os finalistas (20) recebem diplomas comemorativos relativos à sua classificação. Os finalistas ainda recebem prêmio em dinheiro, que deve ser utilizado em atividades relacionadas ao trabalho inscrito, como a preparação de material, viagens de estudo, organização de seminários e compra de equipamentos.

Fruto de parceria entre a Organização Indígena da Bacia do Içana (Oibi), a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) e o Instituto Socioambiental (ISA), o Arte Baniwa é um projeto piloto de desenvolvimento sustentável nas aldeias indígenas. Criado em 1999, o Projeto é baseado na produção artesanal do povo baniwa e comercializou, em 2000, 582 dúzias de cestarias com a Tok&Stock, empresa do segmento de móveis e objetos de decoração. Recentemente, o projeto passou a fornecer os produtos também para o grupo Pão de Açúcar, que fez uma encomenda inicial de 35 dúzias de balaio e 65 dúzias de urutu - os dois produtos mais conhecidos dos baniwa.

O sucesso do projeto já levou o Arte Baniwa a planejar um entreposto comercial em São Gabriel da Cachoeira, que deve ser inaugurado em breve. O Oibi reúne 16 comunidades do rio Içana - a maioria delas fica a cerca 475 quilômetros da sede do município. O presidente da Organização, André Fernando Baniwa, conta que no primeiro negócio fechado com a Tok&Stock - que encomendou 92 dúzias de cestaria - a empresa se surpreendeu com a velocidade de venda das peças. "A loja vendeu mais do previu e teve que encomendar mais 100 dúzias", lembra ele.

No início do projeto, 20 artesãos apostaram na idéia de estabelecer uma nova relação com a produção tradicional. Hoje, mais ou menos 143 fazem parte do Arte Baniwa. A importância do projeto, diz o presidente da Oibi, está na valorização e preservação do conhecimento milenar de seu povo. "Nosso artesanato tem uma história. Os jovens estão estudando, aprendendo, para entender nossa arte", afirma. Além de valorizar o conhecimento tradicional, o projeto devolveu às comunidades indígenas do Rio Içana o controle sobre sua produção artesanal. Hoje, comemora André Baniwa, os grupos de discussão (que funcionam como uma cooperativa) são quem decidem a forma de pagamento pelo artesanato - se vai ser em mercadoria ou dinheiro, por exemplo. Por muito tempo os índios estiveram

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	Gazeta Mercantil (Am)
Data	8/10/2001 Pg
Class.	22. (cent)

sujeitos à exploração dos patrões. "Houve muita exploração dos patrões. Com uma dúzia e meia de urutu, se comprava uma calça. Para comprar uma rede, eram necessárias duas dúzias. Era uma coisa muito difícil porque os patrões tinham a prática de deixar fiado e nós nunca saímos da mão deles", revela.

André Baniwa conta ainda que para se chegar aos produtos que são comercializados com o selo Arte Baniwa, houve um longo processo. O projeto nasceu da constatação de que os índios tinham que encontrar uma atividade que beneficiasse a comunidade. "Não sabíamos do valor de nosso artesanato". Foram realizadas pesquisas e experiências para que o projeto tivesse, segundo André, firmeza. "Foram quase cinco anos, até que nos unimos ao Isa e à Foirn para fazer o projeto. O Isa fez uma coleção de amostras, a Foirn deu apoio político. Nossa preocupação era melhorar a qualidade das cestarias, pois entendemos que isso melhoraria o preço", conta.

O Isa participou do projeto dando assessoria para organizar melhor a produção e identificando os nichos de mercado que comportariam produtos do artesanato indígenas. "Hoje o projeto é auto-gerido pela Oibi", conta a estagiária do programa Rio Negro do Isa, Joana Reiss Fernandes. A parceria com Tok&Stok, completa, mostrou que o projeto funciona e é viável. As cestarias são acompanhadas de uma etiqueta com a logomarca do projeto, com um mapa da região e explicações sobre a história daquele artesanato. "É um produto com valor agregado imenso e que envolve ainda pesquisas de sustentabilidade da matéria prima e valorização da cultura". Além de gerar renda que beneficia as comunidades, conta Joana, o Arte Baniwa está interligado a outras linhas de ação - que incluem uma escola, capacitação da organização indígena.

O Isa desenvolve pesquisas também com outros materiais tradicionais dos povos indígenas do Alto Rio Negro, como a cerâmica e o tucum. A parceria com a Foirn, revela Joana, vai permitir a identificação de outros produtos com potencial de mercado. A Foirn reúne hoje 42 associações, compostas pelos 22 diferentes povos indígenas da região.

Aruana Brianezi
abrianezi@gazetamercantil.com.br
De Manaus